

## DOS SENTIDOS DE *TRABALHO*: DA FESTA À DESUMANIZAÇÃO

Gesualda dos Santos Rasia<sup>1</sup>

Vanise Gomes Medeiros<sup>2</sup>

“O mundo a que estávamos acostumados era rude. Todos se sentavam em roda para conversar e tomar o chimarrão. Todos falavam alto, às vezes dando umas risadas muito altas, mas quase sempre eram graves, falavam sobre a colheita e logo iam a ela. Todos sempre atarefados, todos sempre movidos por trabalho incessante que acompanhávamos e tomávamos como brinquedo. Nosso brinquedo: colher a uva. Nosso trabalho: pisar a uva depois dos pés lavados no grande tanque. Nosso brinquedo, retirar os cachos. Ajudar o nono a colocar tudo nas grandes pipas, lavar as bacias nos jogando água e, depois de três dias, nosso trabalho: experimentar o vinho retirado da torneira e oferecido pelo nono com um sorriso de satisfação no rosto enrugado. Brincávamos de fazendeiros naquele dia, no trator (...)” (Magri, 2021).

No livro *Uma exposição*, uma mulher madura, descendente de colonos retorna ao campo e a cenas da sua infância camponesa: matança do boi, preparação das carnes e da festa tecem o percurso da sua reflexão. *Trabalho* e *festa* são dois significantes que enlaçam uma família que labuta na terra e que tem o dia de festa na qual usufruem de seu labor: comem das carnes dos seus bois; bebem do seu vinho. Esta não é, como se sabe, uma prática possível a qualquer segmento social na nossa sociedade.

Para este simpósio, tomamos dois significantes - *trabalho* e *festa* – com seus desdobramentos em enunciados que ressoam na nossa formação social – como motores para uma reflexão em torno de práticas de inclusão e de exclusão, assim como sobre as formas da contradição. Focamos, para tanto, o trabalho nas condições de produção da colonização do Sul do Brasil, nos entrelaçamentos possíveis e impossíveis com o trabalho em situações análogas à escravidão. Nosso recorte diz respeito ao fato específico da descoberta da ocorrência dessa forma de trabalho na indústria vinícola na região serrana do Rio Grande do Sul, em fevereiro de 2023.

Na ocasião, 207 trabalhadores foram resgatados de um alojamento em Bento Gonçalves, onde eram submetidos a “condições degradantes” e trabalho análogo à escravidão durante a colheita da uva para produção de suco e de vinho. A ordem do equívoco (Pêcheux, 1990), instaura-se sobremaneira quando acessamos as certificações internacionais de que gozavam as vinícolas envolvidas. A *Aurora* era então detentora do título de “*Great Place to Work*” (= ótimo lugar para trabalhar); já a *Salton* era signatária do Pacto da ONU contra “escravidão moderna”<sup>3</sup>. Se remontarmos ao trabalho dos colonos/imigrantes italianos, que se dedicaram ao cultivo da uva no Sul do Brasil do início do século XX, aí também encontraremos a

<sup>1</sup> Professora associada da Universidade Federal do Paraná. Este estudo foi financiado pelo projeto Bolsista Produtividade (nível 2) do CNPq (2022-2025) 316890/2021-9.

<sup>2</sup> Professora associada da Universidade Federal Fluminense. Este estudo foi financiado pelo projeto Bolsista Produtividade (nível 2) do CNPq (2022-2025), processo no. 310517/2021-4.

<sup>3</sup> Disponível em: [reporterbrasil.org.br/2023/04/vinicola-flagrada-com-trabalho-escravo-no-rs-ostentava-o-selo-great-place-to-work/](https://reporterbrasil.org.br/2023/04/vinicola-flagrada-com-trabalho-escravo-no-rs-ostentava-o-selo-great-place-to-work/).

forma material *trabalho*. Contudo, ela reveste-se de outros sentidos, a começar pelos meios de produção, cuja propriedade, ainda que em condições precárias, era dos sujeitos imigrantes. Um século depois, o espanto diante da constatação da ainda existência de trabalho nas formas da escravidão (e não por acaso os trabalhadores eram nordestinos), imprime outros tons à cena descrita por Yeda Magri que mobilizamos no início de nosso trabalho. O trabalho também é rude, talvez não no sentido de grosseiro, se considerarmos os avanços tecnológicos do decurso de mais de 100 anos. É rude no sentido de desprovido de humanidade mesmo. É obscuro. Colher a uva, retirar os cachos, não é um brinquedo. Tampouco os escravizados podem dizer “um brinquedo, um trabalho *nosso*”. Tampouco podem festejar a colheita ou dela desfrutar. Não há lazer, e eles encontram-se completamente alienados do seu fazer. Os pés dos colonos, lavados, que emblematicamente pisoteavam a uva para dela extrair o suco e depois o vinho, forte simbologia no cristianismo, são substituídos por pés que pisoteiam sua própria dignidade.

O significante *trabalho* é forma material que apenas aparentemente é a mesma. Uma vez colocado em redes de formulação outras, reguladas por Formações Ideológicas específicas, *trabalho* tem a ver com participação em uma rede de produção que gera riquezas e rendas, em que pesem todas as dificuldades e incoerências das relações. *Trabalho* tem a ver, também, com expropriação do labor dos sujeitos, sem retorno de espécie alguma, ao limite da coisificação desses mesmos sujeitos, atualizando uma memória da escravização inscrita na Formação Ideológica Colonialista. O que dizer acerca da celebração do resultado do trabalho, a festa, o folguedo, quando não há ganho algum para uma das partes envolvidas? O vazio na cadeia parafrástica dá corpo ao indizível, ao inaceitável.

Posto de outra forma, o significante material *trabalho* se bifurca em redes de sentidos contraditórios instaurados na e pela Formação Ideológica Colonialista; afinal ela tece e é tecida pela contradição. “Brincávamos de fazendeiros”: nesta formulação, em *Uma exposição*, se marca a continuidade de um lugar, de uma classe social que instaura projeções de um vir-a-ocupar o lugar de fazendeiros, de um vir-a-ter posses. *Trabalho*, na posição discursiva que sustenta o enunciado citado, resulta, pois, na possibilidade de ascensão social e/ou manutenção de certo status social, qual seja, a da classe de fazendeiros. O que queremos destacar brevemente é que trabalho neste lugar social assegura um outro enunciado daí decorrente: “Eu trabalhei, eu venci” (Medeiros, 2021)<sup>4</sup>. Se este é um enunciado possível na formação ideológica indicada, ele o é em alguns lugares sociais desta formação. Noutras palavras, é impossível em outro lugar social inscrito nesta mesma formação ideológica, qual seja, aquele dos escravizados. Aí impede-se o significante *vencer* como decorrente da força de trabalho de seus corpos; indo adiante, não se reconhece sequer o outro como trabalhador.

---

<sup>4</sup> Em trabalho anterior (Medeiros, 2022), refletindo sobre a discursividade circulante da meritocracia, chegamos a três posições advindas de lugares sociais na sociedade escravocrata: a herdeira da Casa Grande, cujo enunciado seria “Eu herdei, é meu”. Aí desfruta-se do trabalho do outro e trabalho não é um significante considerado ou mesmo valorizado. A dos colonos, que chegaram ao Brasil, laboraram a terra e usufruíram do seu trabalho diferentemente do lugar social dos escravizados, que trabalharam, e muito, mas nada puderam ter como retorno da força de trabalho. Pensamos que o enunciado “Eu trabalhei, eu venci” decorre do segundo lugar social indicado. No lugar social dos escravizados não se coloca tal enunciado, já que sempre lhes foi negado um usufruto do trabalho-

Trata-se, parafraseando Courtine (2009, p. 72) de “realidades complexas que colocam em jogo práticas associadas a relações de lugares (determinados pelas relações de classe)” com consequências sobre os sentidos dos significantes. “Trata-se – continuando com Courtine – igualmente de realidades contraditórias, na medida em que, em uma dada conjuntura, as relações antagônicas de classes determinam o afrontamento”. A contradição opera na divisão de classes instaurando sentidos distintos para trabalho: para uns, trabalho que possibilita alguma forma de qualificação uma vez que o significante trabalho é positivizado, a despeito da exploração da força de trabalho; para outros, trabalho que coisifica, que é tomado como desprezível e, como tal, assegura a prática escravocrata. A este último segmento indicado da nossa sociedade diz-se *trabalhadores*, nas manchetes, por exemplo, por uma impossibilidade cínica de nomeá-los como *escravizados*.

### **Ainda sobre trabalho e festa**

Começamos nosso trabalho com fragmento de um livro e terminamos com outro. Em ambos *trabalho* e *festa* são significantes presentes. Em *A terra dá, a terra quer*, um livro-manifesto de Nêgo Bispo, também somos postos diante de uma territorialidade marcada pela colonização e imersa em uma formação social capitalista que atualiza e mantém uma prática escravocrata; no entanto, aí, nos significantes *trabalho* e *festa*, irrompem outras possibilidades de sentido. Trabalho, como no primeiro fragmento que trouxemos, opera na sustentação, reprodução e manutenção de um segmento social. Como no primeiro, brincadeira e festa também comparecem. Mas algo se desloca. Leiamos o fragmento:

“Fui criado brincando de fazer o que os mais velhos faziam. Eles passavam o dia no engenho produzindo rapadura, melaço, batida e beneficiando a cana-de-açúcar com tração animal. Nós, crianças, fazíamos a mesma coisa, de brincadeira. Brincávamos de farinha e moagem, de fabricar engenho e produzir, só que nossos bois não eram bois vivos, eram bois artesanais. Eram frutos que podíamos aproveitar, madeira do mandacaru que esculpíamos. Brincávamos de ser adultos, de fazer o que os adultos faziam. E assim aprendíamos a fazer tudo. Mas também brincávamos nos festejos feitos a partir da arte local, da arte do nosso povo.

[...] As festas não eram mercadoria. Minha avó dizia que tinha a festa e tinha o furdunço. A festa era comemoração, um festejo, uma manifestação de alegria. E o furdunço era aquele movimento feito de forma oportunista para ganhar dinheiro., sem relação coma lida, sem autenticidade. Quando não se estava festejando nada, ela chamava de furdunço.

O dinheiro não circulava no nosso ambiente. A comunidade era formada por grandes famílias e todas plantavam cana. Eram necessárias várias pessoas numa moagem. Quando a família não resolvia, o que se fazia? Se eu plantava cana e dez outros amigos plantavam cana, nos juntávamos. Numa semana tirávamos de um, na outra, do outro, e assim consecutivamente. Ninguém armazenava aquele produto, porque quando você estava moendo, eu pegava no seu engenho aquilo de que precisava. Quando eu estava moendo, você pegava no meu. (...) Só nas últimas moagens é que cada um guardava para o período de inverno, quando se parava de moer. Era um grande compartilhamento, não se falava em dinheiro. Era uma fartura” (p. 39-40).

O que se desloca é o produto do trabalho: não como mercadoria; não revertido em moeda, mas como forma de vida, de sobrevivência e de festa. O que se desloca é a fartura aí atrelada a



compartilhamento em tempos de falta e não ao excesso necessário na lógica da mais valia. Deslocam-se as relações de trabalho engendradas não pelo lucro, mas pela partilha em função do que é imprescindível.

Nas práticas quilombola retratadas por Nêgo Bispo, o traço do coletivo, da solidariedade e do ser humano sobrepõe-se à voracidade animaléscas das relações capitalistas levadas a seus extremos, e aponta para possibilidades de ressignificação do indizível, aponta também para o preenchimento na cadeia parafrástica em que *trabalho* mascara *escravização*.

## REFERÊNCIAS

- ALESSI, Gil. Vinícola flagrada com trabalho escravo no RS ostentava o selo “Great Place to Work”. **Repórter Brasil**, 24 abr. 2023. Disponível em: [reporterbrasil.org.br/2023/04/vinicola-flagrada-com-trabalho-escravo-no-rs-ostentava-o-selo-great-place-to-work/](https://reporterbrasil.org.br/2023/04/vinicola-flagrada-com-trabalho-escravo-no-rs-ostentava-o-selo-great-place-to-work/).
- BISPO DOS SANTOS, António. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: UBU Editora, 2023.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: Edufscar, 2009.
- MAGRI, Yeda. **Uma exposição**. Belo Horizonte: Relicário, 2021.
- NOGUEIRA, Luciana. **Discurso, sujeito e relações de trabalho na contemporaneidade**. Campinas: Pontes, 2017.
- PÊCHEUX, M. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.